SJB SELECTION

CRÍTICA · JAZZ

GoGo Penguin: o som do jazz que aprende uma nova língua

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Há algo de imediatamente reconhecível nos GoGo Penguin: a clareza do seu som. Piano, contrabaixo e bateria ocupam cada um o seu próprio espaço com uma precisão quase arquitetónica. Nada parece acidental, nada é esbatido apenas por efeito. No entanto, essa clareza não deve ser confundida com simplicidade. Por baixo da superfície polida encontra-se uma música de notável complexidade rítmica e estrutural.

O trio de Manchester passou mais de uma década a questionar aquilo que um trio de jazz contemporâneo pode ser. O seu vocabulário reúne jazz, minimalismo clássico e cultura eletrónica, mas o resultado resiste cada vez mais a essas categorias. A própria forma como descrevem a sua música sublinha precisamente esse encontro entre influências do jazz, da música clássica e da eletrónica, enquanto os trabalhos mais recentes expandiram ainda mais a sua paleta sonora através de sintetizadores modulares, baixo elétrico e uma presença mais acentuada da eletrónica.

O que torna os GoGo Penguin importantes, porém, não é simplesmente a combinação de diferentes géneros. Há muitos músicos que juntam jazz e eletrónica. A sua conquista mais significativa é de natureza rítmica: ajudaram a reformular a linguagem através da qual um trio de jazz acústico pode pensar.

A bateria parece frequentemente seguir a lógica de beats programados sem nunca abdicar da presença física de um baterista humano. O baixo não funciona apenas como fundamento harmónico, mas como parte integrante da engrenagem rítmica, enquanto o piano de Chris Illingworth opera muitas vezes num território intermédio entre melodia, pulsação e padrão. O resultado é uma música em que os instrumentos parecem menos um solista acompanhado pelos restantes e mais diferentes partes interligadas de um único organismo.

E é precisamente aqui que encontramos um dos aspetos mais incompreendidos da sua música: o minimalismo.

Nos GoGo Penguin, minimalismo não significa simplesmente repetição. Trata-se de um minimalismo avançado, no qual uma célula musical aparentemente simples é continuamente transformada através do ritmo, da dinâmica, da articulação, do deslocamento e da interação. Em vez de ouvirmos uma frase repetir-se sem alterações, ouvimo-la mudar de significado porque tudo à sua volta está em movimento.

É um minimalismo posterior à música eletrónica, ao jazz contemporâneo, a décadas de experimentação rítmica. Conserva a qualidade hipnótica da repetição, mas recusa permanecer confortavelmente dentro das estruturas repetitivas a que nos habituámos.

Murmuration: Movimento dentro da repetição

Poucas composições revelam esta ideia tão claramente como *Murmuration*, do álbum *v2.0*, de 2014. Na gravação original encontramos Chris Illingworth ao piano, Nick Blacka no contrabaixo e o baterista original Rob Turner; o disco foi lançado pela Gondwana Records a 17 de março de 2014.

O próprio título oferece uma metáfora particularmente adequada para a música. Ao ouvir *Murmuration*, o fascínio não nasce da narrativa convencional do jazz, construída em torno de tema, solos e regresso ao tema, mas do movimento que acontece dentro da própria estrutura.

O piano estabelece uma ideia que, inicialmente, parece quase transparente. Depois, a nossa perceção começa a mudar. Baixo, bateria e piano alteram continuamente o peso e a direção da música. Um padrão pode continuar reconhecível, mas a sua relação com a pulsação transforma-se. Aquilo que parecia estável começa subitamente a flutuar; aquilo que parecia repetitivo começa a revelar um movimento interno.

É aqui que a clareza do som dos GoGo Penguin se torna essencial, e não apenas uma escolha estética. Cada detalhe rítmico precisa de ser ouvido. O espaço torna-se parte da composição. A precisão cria tensão.

Murmuration aponta também para algo que viria a tornar-se central na identidade do trio: um conjunto acústico capaz de gerar a sensação e o impulso associados à música eletrónica sem sacrificar o toque, a dinâmica e a interação humana. O resultado não é jazz convencional nem uma imitação acústica da música eletrónica. Ocupa precisamente o território entre ambos.

Essa abordagem já era significativa durante o período de *v2.0*. O álbum viria posteriormente a integrar a lista de nomeados para o Mercury Prize de 2014, trazendo atenção internacional à

abordagem singular do trio.

Para além da fórmula

Mais de uma década depois, o mais interessante é perceber que os GoGo Penguin não se limitaram a continuar a reproduzir essa fórmula.

O álbum *Necessary Fictions*, de 2025, editado pela XXIM Records, aprofunda ainda mais a dimensão eletrónica, dando aos sintetizadores modulares e ao baixo elétrico um papel mais substancial no som do grupo. As críticas contemporâneas destacaram também a importância persistente da sua linguagem rítmica: *Necessary Fictions* foi descrito como um trabalho que se move entre figuras de piano arpejadas, uma bateria de contornos nítidos e linhas de baixo fluidas, preservando ao mesmo tempo o caráter cinematográfico da banda.

Essa evolução é importante porque sugere que os GoGo Penguin não estão interessados em proteger uma fórmula sonora bem-sucedida. Estão interessados em expandir a sua gramática.

E talvez seja essa a melhor maneira de os compreender.

Não reinventaram o jazz abandonando o seu passado. Redesenharam parte do seu vocabulário contemporâneo, trazendo para o mesmo espaço a lógica dos breakbeats, da produção eletrónica, do minimalismo e da interação acústica. A sua música pode ser imediatamente acessível, por vezes quase enganadoramente acessível, mas por baixo dessa superfície tudo está em constante transformação.

Murmuration continua a ser uma das demonstrações mais claras dessa ideia: música que parece repetitiva até começarmos realmente a ouvi-la e percebermos que quase nada se repete exatamente da mesma maneira.

Talvez seja essa, em última análise, a característica mais singular dos GoGo Penguin. O seu som é límpido, mas nunca estéril; minimalista, mas nunca estático; ritmicamente preciso, mas inequivocamente humano.

Eles não se limitam a tocar jazz com um som moderno.

> ***Fazem o jazz pensar num ritmo diferente.***